
Sequência didática “aprendendo com listas”

Claudiene Dias da Silva¹
Raimunda Gracilene Abreu Fagiani²

Em 2012, a Secretaria Municipal de Educação de Ariquemes pactuou o compromisso do PNAIC (Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa) com o Governo Federal. Assim, no ano de 2013, a ênfase do PNAIC baseou-se na formação em Língua Portuguesa, com carga horária de 120 horas. Foram atendidos 192 (cento noventa e dois) professores no Município, sendo distribuídos por ano para cada orientador de estudo.

A experiência relatada trata-se de um trabalho desenvolvido na formação do PNAIC com os professores do 1º ano do Ensino Fundamental no Município de Ariquemes-RO, o Município está localizado na porção centro-norte do estado de Rondônia, a 198 quilômetros da capital Porto Velho.

Os encontros de formação com este grupo de professores resultaram em grandes reflexões, acerca de quais conhecimentos as crianças possuíam sobre o sistema alfabético de escrita e também sobre a importância de garantir boas situações didáticas, para que os discentes pudessem avançar em seus conhecimentos. A partir da perspectiva mencionada, os professores elaboraram suas sequências, cada uma de acordo com seu grupo de alunos. Para compartilhar um pouco dessa experiência, apresentamos o relato da professora Raimunda, que desenvolveu a sequência didática intitulada “Aprendendo com Lista”.

Relato de Experiência Professora Raimunda

Desenvolvi essa sequência didática na E.M.E.I.E.F. Chapeuzinho Vermelho, que atende 532 alunos. Leciono na referida instituição para turma do 1º ano, com 30 alunos do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Tal escola atende crianças de 4 (quatro) e 5 (cinco) anos no Ensino Fundamental, no período diurno. Já no período noturno, atende à EJA (Educação de Jovens e Adultos) em seu primeiro seguimento, do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental. A escola está vinculada à SEMED (Secretaria Municipal de Educação).

Na formação do PNAIC, pudemos analisar as condições didáticas satisfatórias para que os alunos pudessem refletir sobre o sistema de escrita e, em decorrência disso, aprofundar seus

¹Orientadora de Estudo do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

² Professora da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Chapeuzinho Vermelho



conhecimentos. Em função dessa discussão, fomos orientados a planejar uma sequência didática, que alcançasse esse objetivo.

Nesse sentido, resolvi desenvolver a sequência didática “Aprendendo com Listas”. Assim, foi realizado um diagnóstico inicial para analisar as hipóteses de escritas dos alunos; dessa forma, os resultados foram os seguintes:

- 1 (um) aluno na hipótese pré-silábica.
- 2 (dois) alunos na hipótese silábica sem valor sonoro.
- 20 (vinte) alunos na hipótese silábica com valor sonoro
- 2 (dois) alunos na hipóteses silábica alfabética e 5 alfabéticos.

Os níveis de escrita, segundo “ A psicogênese da língua escrita” (referência), possuem as seguintes características:

1. **Pré-silábico:** neste nível, a criança não estabelece relações entre a escrita e a pronúncia. Nesta fase, ela expressa sua escrita através de desenhos, rabiscos e letras usadas aleatoriamente, sem repetição e com o critério de no mínimo três.
2. **Silábico sem valor sonoro convencional:** é quando a criança começa a estabelecer a relação entre o que se escreve e o que se fala, mas ainda não produz uma escrita com correspondência sonora silábica.
3. **Silábico com valor sonoro convencional:** é quando a criança atribui exatamente uma letra para cada som emitido.
4. **Silábico alfabético:** é quando a criança reconhece os sons das letras e compreende que a escrita representa a fala. Quando a criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade, mas que ela é por sua vez reanalisável em elementos menores, ingressa no último passo da compreensão do sistema socialmente estabelecido.
5. **Alfabético:** as crianças já dominam os valores sonoros das letras, sabe que elas representam fonemas.

A sequência teve como propósito analisar os avanços das crianças sobre o sistema de escrita; por meio de situações didáticas, que proporcionassem a reflexão sobre como se escreve e ainda apresentou o objetivo de aproximar às crianças do gênero lista, no seu uso social. Tal gênero propõe uma sequência de palavras de modelos estáveis, bem como também exerce uma função social clara para a criança.

Objetivos:

1. Conhecer, familiarizar-se e avançar nos conhecimentos sobre o gênero “lista”;



2. Ler, mesmo que não seja de maneira sistematizada;
3. Ampliar o repertório de palavras conhecidas;
4. Estabelecer relações entre a escrita produzida e a forma convencional;
5. Tomar decisões diante da escrita, tais como: quais letras, quantas letras, em que ordem (alunos não alfabéticos aprenderem a ler o que escreveram, fazendo os devidos ajustes e tomar consciência de suas escolhas);
6. Conhecer a estrutura interna de um texto neste formato.

Conteúdo:

- Listas;
- Análise e reflexão sobre o sistema de escrita;
- Ler, ainda que não ocorra uma leitura convencional.

Metodologia:

1ª ETAPA

De forma a sistematizar os trabalhos, organizei uma roda de conversa, em que expliquei à turma sobre o processo. Assim, explanei sobre o período que realizaríamos as atividades com a “**Sequência Didática Aprendendo com Listas**”; destacando que, ao final, iríamos preparar uma mesa de frutas para degustação.

Para iniciar a sequência, pedi que cada um falasse a sua fruta preferida, conforme falavam eu registrava em um cartaz, que denominamos “O cartaz de frutas preferidas da turma”.

Logo após, fiz os seguintes questionamentos: *Como está organizada a lista que acabamos de escrever?* Obtive várias respostas. Mas, minha intenção era que eles notassem a organização de uma lista.

O aluno Kaio logo identificou uma de suas características dizendo “*a lista está organizada com um nome embaixo do outro*”. Porém, no meio de nossa observação o aluno Kaiky comentou “*a lista é para não se perder*”. Em outras palavras, ele quis dizer que a lista é uma organização que ajuda a não nos esquecermos do que vamos fazer.

Logo após, convidei os alunos para observar a lista de nomes próprios e de frutas, que estavam expostas na sala. Logo perguntei: qual a diferença da LISTA DE FRUTAS para a de NOMES PRÓPRIOS? A aluna Heloisa observou e disse que a lista de nomes próprios estava em ordem alfabética, já a lista de frutas não.

Minha intenção era a de que eles percebessem a diferença entre a lista de nomes próprios e a de frutas, pois embora obedecessem à mesma estrutura, a de palavras embaixo de palavras, a lista de nomes próprios tinha como diferencial ser organizada pela ordem alfabética. Assim, tendo como objetivo levar aos alunos a avançarem em seus conhecimentos; despertando a capacidade e o desejo da escrita, busquei ampliar o repertório de palavras já conhecidas pelos estudantes, como também



fazê-los construírem as características da lista. Também, no momento da conversa, pude destacar que fazemos listas para situações diversas no cotidiano.

2ª ETAPA

Retomei a aula anterior sobre a lista de frutas, que elaboramos e disse que iríamos conhecer outra lista. Iniciei a aula falando que tinha em mãos uma lista de material escolar (BORRACHA, CADERNO, COLA; etc.), e em duplas teriam que ler quais materiais estavam escritos na lista. Ao passar pelas duplas, percebi que várias crianças utilizavam da letra inicial e final para justificar sua leitura. A aluna Ingrid leu a palavra COLA, olhando para sua lista e ficou contente quando a encontrou, me disse “encontrei COLA”! Ainda circulando pelas duplas, me deparei com um problema dos alunos Nathan e Vitória, ambos liam no lugar de BORRACHA, BANANA, foi o que me levou a retomar com os alunos que a lista que estava em suas mãos era de MATERIAIS ESCOLARES. Mesmo assim, eles insistiam em nome de frutas; mas quando perguntei a eles o que trazem na mochila? Foram recordando e encontraram a palavra LÁPIS; depois, identificaram rapidamente a palavra CADERNO e assim por diante. Foi muito interessante este momento, pois pude evidenciar que, quando oferecemos condições didáticas satisfatórias, eles são capazes de produzir melhor sobre os desafios que lhes são propostos. Este momento oportunizou a troca de saberes entre as crianças, pois elas colocavam em jogo o saber sobre a escrita e discutiam as ideias que possuíam sobre a leitura antes de saber ler convencionalmente. A respeito disso, Ferreiro anuncia que:

“[...] as mudanças necessárias para enfrentar sobre bases novas a alfabetização inicial não se resolvem com um novo método de ensino, nem com novos testes de prontidão nem com novos materiais didáticos. É preciso mudar os pontos por onde nós fazemos passar o eixo central das nossas discussões. Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu. ”
(FERREIRO, 2000, P.28)

Em seguida, convidei três duplas para expor suas opiniões. A primeira dupla encontrou uma palavra, solicitei que fossem à lousa para escrever qual foi a palavra encontrada. A aluna Ingrid disse: “APONTADOR”, escreveu na lousa e falou que era CADERNO. Pedi a ela a justificativa e a aluna me disse que começava com A e terminava com R. Notei que buscavam se apoiar, em alguns momentos, pelo som de letras iguais, que continham em determinadas palavras, mesmo sem saber ler convencionalmente.



O aluno Gabriel falou todas as palavras e quando perguntei a ele por que ali estava escrito APONTADOR, BORRACHA, entre outras, ele disse que sua amiga o ajudou. Então, fui até à mesa e perguntei como chegaram àquela conclusão e a aluna Maria Eduarda falou: “Está escrito, apontador, borracha, caderno, lápis, cola”. Maria Eduarda justificou utilizando as letras iniciais dos vocábulos. Com isso, percebi que, diante dos questionamentos, buscaram apoio nas iniciais das palavras e assim usaram de estratégias de antecipação e verificação.

3ª ETAPA

No dia seguinte, organizei a sala em duplas e expliquei que tinha em mãos uma folha com listas variadas e fiz a leitura para eles: LISTA DE COMPRAS, SABORES DE SORVETE, MATERIAL ESCOLAR E PROFISSÕES. Pedi que encontrassem a lista de sabores de sorvete. Logo após, convidei alguns estudantes para exporem suas opiniões. Os alunos Kaio e Ingrid rapidamente identificaram o sabor morango. Assim, questionei como chegaram àquela conclusão.

Kaio disse que morango começa com **M** e termina com **O**. João e Cinthia encontraram dois sabores LARANJA e BANANA. Dessa forma, questionei por que estava escrito a lista “sabores de sorvetes”. A dupla disse que na palavra laranja tem **L** e **A**, que formam **LA** e termina com **JA** e na palavra BANANA os dois últimos pedacinhos são iguais. Observei também que ampliaram seus conhecimentos, mesmo sem saber ler convencionalmente, buscando estratégias de leitura.

Assim, busquei incentivá-los a utilizar as estratégias antecipatórias de leitura para descobrir o que está escrito, como as letras iniciais, finais ou mediais das palavras.

Ao continuar com a sequência didática, conversei sobre passeios em lugares que servem lanches na cidade; assim, perguntei se iam à lanchonete. Disseram que sim e que até liam com os pais os cardápios oferecidos. Então, falei que tinha em minhas mãos um folder de uma lanchonete, em que tinham várias listas de PIZZA, SANDUICHE, SUCOS, REFRIGERANTE e pedi para que eles lessem e localizassem onde estava escrito a lista de suco. O aluno Erick encontrou a lista de suco; então, pedi a ele que justificasse: “SUÇO começa com SU e termina com O” e até identificou CAJU. Então, novamente retomei a indagação e obtive a resposta: “CAJU está escrito no meu livro”. Logo em seguida, pedi à aluna Julia, que lesse para a turma a lista de sabores de pizza. Como consequência, notei que os alunos se apoiavam em diversas estratégias de leitura para resolver o desafio proposto pela atividade. Assim, pedi aos alunos alfabéticos que escrevessem alguns sabores de pizza e eles conseguiram escrever. Levei também uma receita do modo de fazer uma pizza, li e pedi para que os discentes a escrevessem. Dessa forma, apresentei mais um desafio: pensar na organização desse texto.



Durante toda etapa, expliquei a organização estrutural do gênero lista. Alguns momentos, para fazê-los perceber as funções diferentes das listas, perguntava a eles: Para que serve uma lista de compras? Lista de sucos apresentada no cardápio? Lista de materiais escolares? Foi um momento para refletirem sobre as diferentes funções comunicativas do gênero “lista”.

4ª ETAPA

No início dessa etapa, com o intuito de propor momentos de reflexão sobre o sistema de escrita, organizei os alunos em duplas e perguntei quem se lembrava da fruta preferida da Heloisa; logo, alguns responderam que era ABACAXI. Em seguida, entreguei o alfabeto móvel para montarem o nome da fruta. Ao circular pelas duplas, observei que os alunos Ana e Emanuel estavam com dúvidas para encaixar as letras corretas. Emanuel montou ABAKA e Ana veio e modificou usando a letra C, logo Emanuel completou com sílaba XI, sem questionamento. Logo após, pedi que relembassem a fruta preferida da Nayara (PERA) e solicitei que a montassem com o alfabeto móvel. Logo depois, convidei alguns alunos para escreverem na lousa. O aluno Matheus escreveu PEA, em seguida convidei o aluno Kauã, que escreveu PACA. Então, questionei o motivo de a escrita dele estar diferente da escrita do colega, e ele justificou que havia acrescentado letras que o colega não tinha colocado. Com isso, pude perceber o quanto essa atividade despertou nos alunos o interesse e a aprendizagem pela escrita; fazendo com que eles interagissem com os colegas de forma prazerosa e, assim, tomando decisões sobre a própria escrita.

5ª ETAPA

Para dar prosseguimento às atividades, organizei uma roda de conversa para relembremos as frutas preferidas da turma. Ao iniciar, o aluno Erick rapidamente disse que se lembrava das frutas de quase todos os colegas. A aluna Geovanna disse também que gostava de maçã, logo o Erick falou: “Antes você disse que gostava de BANANA”. Então, Geovanna disse: “Realmente era BANANA, é que eu havia me esquecido”.

Em seguida, propus uma atividade de tarjeta; explicando que eles teriam que identificar algumas frutas que estavam escritas na tarjeta, que apenas a letra inicial ou final estaria à mostra. O objetivo dessa atividade foi de levar aos alunos a se expressarem e organizarem suas ideias de maneira lógica.

No final da atividade, relembrei que deveriam trazer uma fruta preferida, conforme havia combinado na primeira etapa.

6ª ETAPA



Nesta fase, iniciei a aula explicando que alguns alunos iriam escrever uma lista de ingredientes para fazer a pamonha, e outros teriam que escrever o modo de fazer da pamonha (alfabéticos). Esta etapa foi realizada para avaliar o aprendizado dos alunos, logo após a realização da sequência didática.

Em seguida, organizei uma mesa de frutas para degustação, em que o grupo pôde saborear os alimentos.

Flexibilização: Adequação das propostas para alunos NEE (Necessidades Educacionais Especiais).

Para realizar o processo de adequação, agrupava a aluna Millenia Machado de Oliveira (Deficiente Intelectual) com alunos de conhecimento mais avançado; levando em consideração a personalidade da criança escolhida, utilizei mecanismos que pudessem respeitar a realidade e o ritmo da estudante e, assim, alcançando o objetivo proposto de acordo com sua peculiaridade.

AVALIAÇÃO

Após o desenvolvimento das etapas, pude perceber que os alunos avançaram em suas hipóteses do sistema de escrita, uma vez que os resultados demonstraram:

- 1 aluno na hipótese pré-silábica.
- 1 na hipótese silábica sem valor sonoro.
- 10 na hipótese silábica com valor sonoro.
- 7 na hipótese silábica alfabética
- 11 alfabéticos.

Ao comparar o diagnóstico inicial com o final, percebi que a maioria avançou significativamente nas hipóteses. Paralelamente, alguns alunos permaneceram na mesma hipótese; porém, avançaram na representação da escrita e linguagem. Assim, apropriaram-se da organização e utilização da lista em seu cotidiano.

Autoavaliação

Diante dos resultados, posso concluir que foi gratificante desenvolver esse trabalho, uma vez que me indagava sobre o que fazer para que meus alunos avancem neste primeiro ano, que atua na turma de alfabetização. Aprendi que é necessária dedicação ao executar algo desejado e de forma prazerosa, com assiduidade e comprometimento profissional, de formar e alimentá-los com boas condições didáticas. É importante também que o aprendizado dos alunos seja priorizado, através da busca de novos conhecimentos por parte dos educadores, tendo como subsídio a Formação Continuada.



Ao fazer uma análise dos registros e comparar o diagnóstico inicial e final, conclui que os alunos, a cada etapa, evoluíram com as atividades propostas e assim a pesquisa me fez refletir sobre o quanto é importante registrar cada etapa da sequência, bem como oferecer condições adequadas aos alunos, de acordo com as suas necessidades.

Referências

Reflexões sobre alfabetização, São Paulo, Cortez Editora, 24ª edição, 2000

